



EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p117-131

DO DEJETO AO DESEJO: ARQUITETURA DE BANHEIROS COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE DA SEXUALIDADE

FROM DIRTY TO DESIRE: TOILET DESIGN AS A SEXUALITY CONTROL MECHANISM

DEL DESECHO AL DESEO: LA ARQUITECTURA DE BAÑOS COMO DISPOSITIVO DE CONTROL DE LA SEXUALIDAD

Gleiton Matheus Bonfante¹

Filipe Ungaro Marino²

DOSSIÊ:

“CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS”

RESUMO

A construção histórica da divisão bipartida dos banheiros por gênero, iniciada nos mosteiros europeus, tornou possível diferentes formas de sociabilidade gênero-específico e a fundação de códigos-territórios por onde circulam práticas e símbolos específicos. O banheiro, por sugerir um local de extrema vulnerabilidade fisiológica, despudor e nudez, sempre foi dividido por convenções de gênero, cujo intuito é conferir privacidade e evitar encontros sexuais. Uma das formas de sociabilidade é a pegação em banheiros ou *banheirão*: prática sexual em banheiros de uso público. Este artigo visa discutir as alterações na planta dos banheiros públicos cariocas feitos de forma a prática da pegação, assim como a eficácia de tais reformas, baseado em análise semiótica e etnográfica. Ademais, pretendemos analisar a arquitetura como dispositivo de controle de sexualidade e os discursos sociais que fomentam a proibição e a desejabilidade da proibição no código-territórios dos banheiros. Finalmente o artigo se propõe a pensar a transgressão da prática sexual em banheiros como prática subversiva e de resistência não apenas ao regime da heteronormatividade, mas ao binarismo de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Banheirão. Arquitetura de Banheiros. Linguística Aplicada Indisciplinar. Etnografia Urbana. Estudos Foucaultianos.

ABSTRACT

The historical construction of the bipartite division of toilets by gender, started in the European monasteries, made possible different forms of gender-specific sociability and the founding of code-territories through which specific practices and symbols circulate. The bathroom, for suggesting a place of extreme physiological vulnerability, shamelessness and nudity, has always been divided by gender conventions, whose purpose is to confer privacy and avoid sexual encounters. One of the forms of sociability is toilets in bathrooms or *banheirão*: sexual practice in public toilets. This article aims to discuss the changes in the design of public toilets in Rio de Janeiro made in the practice of cruising, as well as the effectiveness of such reforms, based on semiotic and ethnographic analysis. In addition, we analyze architecture as a device for controlling sexuality and the social discourses that foster prohibition and the desirability of prohibition in public toilets. Finally, the article proposes to think of the transgression of the sexual practice in toilets as subversive and resistance practice not only to the regime of heteronormativity, but to gender binary.

KEYWORDS

Bathroom Cruising. Bathroom Architecture. Foucault Studies. Indisciplinary Applied Linguistics. Urban Ethnography

RESUMEN

La construcción histórica de la división bipartita de los baños por género, comenzada en los monasterios europeos, hizo posible diferentes formas de sociabilidad específica de género y la fundación de territorios de código a través de los cuales circulan prácticas y símbolos específicos. El baño, por sugerir un lugar de extrema vulnerabilidad fisiológica, desvergüenza y desnudez, siempre se ha dividido por convenciones de género, cuyo propósito es conferir privacidad y evitar encuentros sexuales. Una de las formas de sociabilidad es el cancaneo en los baños, llamado de *"banheirão"*: la práctica sexual en los baños públicos. Este artículo tiene como objetivo analizar los cambios en el diseño de los baños públicos en Río de Janeiro realizados en la práctica del recorte, así como la efectividad de dichas reformas, basadas en análisis semióticos y etnográficos. Además, pretendemos analizar la arquitectura como un dispositivo para controlar la sexualidad y los discursos sociales que fomentan la prohibición y la conveniencia de la prohibición en los código-territorios del baño. Finalmente, el artículo propone pensar en la transgresión de la práctica sexual en los baños como una práctica subversiva y de resistencia no solo al régimen de heteronormatividad, sino al género binario.

PALABRAS-CLAVE

Cruising, Arquitectura del baño, Estudios Foucaultianos, Lingüística Aplicada Interdisciplinaria, Etnografía urbana.

1 INTRODUÇÃO

Somente os banheiros oferecem uma fuga do sistema fechado. Eles são os fantasmas de amantes, uma saída para o doente, um refúgio para as crianças (Quero fazer xixi!) - Um pequeno espaço de irracionalidade, como histórias de amor e esgotos nas utopias de outros tempos. *The practice of everyday life.* (CERTEAU, 1984, p.111),

A corriqueira ressignificação de espaços de acordo com novos usos e práticas sociais pode ser geradora de ansiedades coletivas e iniciativas de controle quando as práticas são entendidas como subversivas. *Do deserto ao desejo* propõe pensar o tesão que flui no espaço social mais privado, o banheiro. Este artigo se interessa em descrever o emprego da arquitetura como um dispositivo de controle da sexualidade nos banheiros de uso coletivo, postulando que a arquitetura e sua semiose cocriam agenciamentos de controle da sexualidade dentro da cidade.

O interesse pela relação entre sexualidade e arquitetura é já uma discussão estabelecida com diversas agendas: Diana Helene (2019), ao analisar a idealização de um bairro para prostituição em Campinas-SP, demonstrou que a arquitetura e planejamento urbano são elementos relevantes na coação da circulação urbana de sujeitos abjetos e no controle de sexualidades desviantes.

Dell Vale (2018), por outro lado sugere que as “práticas sexuais apresentam-se como organizadoras conceituais da forma e da função dos objetos arquitetônicos” e se propõe a discutir possibilidades representacionais em que as práticas sexuais podem inserir-se na arquitetura.

Já Pontes (2014) tomou seu próprio corpo para entender a sua experiência generificada dentro da cidade, compondo uma *corpografia urbana*. A relação entre arquitetura e sexualidade e seus atravessamentos de poder, raça, classe fica explícita nas narrativas de pegação que o autor experienciou em campo no Parque da Cidade em Brasília.

Referente a relação da sexualidade com a arquitetura de banheiros, a questão da divisão do banheiro endossando binarismos é um tópico vivo na agenda de militantes pelos direitos trans. Halberstam (2018) também toca nesse exemplo quando pergunta quais possibilidades um corpo trans oferece para a arquitetura? Jack Halberstam defende que a experiência trans é uma inspiração para enfatizarmos menos a transição e vozeir uma constante operação de mudança em nos corpos e diálogo com o conceito de *anarchitecture*.

No Brasil, Tedson Souza (2012) documentou as práticas sexuais homoeróticas em banheiros da Estação da Lapa em Salvador. Tendo em vista as contribuições acima listadas, o presente artigo tem como objetivo penetrar esse viés da arquitetura e sexualidade ainda não explorado na literatura: *a alteração de banheiros públicos com reformas arquitetônicas com o intuito de coibir práticas sexuais homoeróticas*.

Para alcançar nossos objetivos, propomos o seguinte percurso: empreendemos no Capítulo 2 uma investigação genealógica (FOUCAULT, 2002) sobre o banheiro, a fim de entender seus significados nos dias de hoje e como esses significados se comunicam com outras práticas sociais distantes em tempo e espaço. Focamos nas práticas homoeróticas e na divisão por gêneros, assim como na proposição de características próprias desse ambiente que são

qualificações ímpares para abrigar o *banheirão*, que, por sua vez, também auxiliou na própria construção da homossexualidade.

Na segunda parte analítica, capítulo 3, discutimos as ideias projetuais que buscam coibir a pegação. Elas são descritas e examinadas à luz das práticas vigentes, com a breve análise de casos concretos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, fazemos uma análise afetiva multisituada: textos on-line, entrevista semiestruturada, vivência etnográfica em banheiros e descrição de reformas. Finalmente, apresentamos algumas conclusões a respeito da análise da semiótica do *banheirão*.

1.1 MÉTODO

Na base do artigo está uma observação e escrita etnográfica da arquitetura e sua semiose. Por se interessar pela relação entre desejo e dejetos (banheiro), elegemos a Erótica dos signos (BONFANTE, 2016). Essa primeira parte do artigo encerra uma proposta de análise desses espaços sociais do ponto de vista genealógico a fim de compreender os distintos significados em relação a lugares de encontro sensual tanto no passado como no presente. Essa história e esses saberes se referem a uma dimensão macro do objeto.

Na próxima sessão são analisadas a semiose de banheiros públicos no Rio de Janeiro e o emprego de aparatos em sua arquitetura como controle de sexualidade, descrevendo-as como práticas locais e afetivas. Este bailar pelas dimensões macro e micro é um dos compromissos da Erótica dos Signos, uma metodologia que se presta à análise semiótica e indexical e aqui neste texto vai se interessar pelas práticas sexuais em banheiros públicos e discursos sobre elas, estabelecendo conexão entre tais práticas sociais e significados históricos.

1.2 RESULTADOS

Os resultados indicam um paradoxo: apesar da crescente vigilância por meio da intervenção arquitetônica na semiose dos banheiros, as práticas sexuais gozam de plena vitalidade na cidade do Rio de Janeiro, de modo que é possível traçar uma cartografia da pegação. Notamos que na medida em que se aceram as estratégias para controle da sexualidade e coação de práticas sexuais consentidas em espaços que embora públicos sejam um ponto cego da vigilância social, também se intensificam tecnologias e estratégias entre os praticantes para garantir o sucesso dos encontros.

2 GENEALOGIA DO BANHEIRO E ARQUITETURA DO DESEJO: REATUALIZAÇÃO DO BANHEIRO COMO ESPAÇO DO TESSÃO

O banheiro enquanto ambiente baseia sua estruturação formal na sua função social e no papel que exerce na vida cotidiana: seus aspectos físicos estão diretamente relacionados à função que desempenham. De fato, forma e função estão intimamente conectados na prática

arquitetônica. Pallasmaa (2013) acredita que a arquitetura seja o suporte de experiências vividas e de práticas sociais. Contudo, as territorialidades e espaços sociais podem ser e frequentemente são, ressignificados por agentes sociais. Hábitos e práticas sociais não hegemônicos podem se apropriar de espaços sociais atribuindo-lhes novos sentidos e funções próprias. Dentre esses ambientes, cujos significados sociais foram frequentemente reatualizados está o banheiro, alvo constante de intervenções subjetivas (BARBOZA; BORBA, 2018, para uma discussão sobre pichação em banheiros).

A localização dentro dos edifícios ou separação por gênero como conhecemos hoje nunca foram características *sine qua non* dos banheiros. De fato, a preocupação com a gestão dos corpos e sexualidade surgiu arquitetonicamente nos mosteiros cristãos medievais. De acordo com Cleminson & Gordo (2008), tal preocupação foi expressa por meio de disposições arquitetônicas como o emparedamento de igrejas e divisão radical dos ambientes de monges e monjas. Como prática social, banheiros possuem razões históricas. Embora comumente pensado como peça essencial da casa, nos interessamos nesse artigo por banheiros como espaço de sociabilidade e, portanto, foquemos na história de banheiros públicos e a semiose de sua arquitetura quanto dispositivo de controle.

Desde a Roma antiga, os banhos públicos, ou termas, se destinavam a higiene da população, porém, transcendiam essa função, tornando-se espaços de encontros sociais, privilegiados numa sociedade em que a água era escassa. Eram geralmente separados por gênero de acordo com o horário do dia (VERDASCA, 2010). Vale lembrar que a divisão dos banheiros por gêneros na cultura clássica não funcionava como um dispositivo de governo de sexualidade, mas espelhavam uma sociedade marcadamente dividida em gêneros, segregada quanto a poder e função social. Na cultura clássica, a exclusividade de banheiros aos homens servia como uma facilitação de suas relações políticas e sexuais, entendidas moralmente como desejáveis.

Já na Idade Média, Mumford (1982) sugere que o banho passa a ter conotação de conforto e bem-estar, ganhando um espaço próprio nas residências da nobreza. Diferentemente, dos pobres que improvisaram ocasionalmente tinas familiares na sala para banho coletivo. Os banhos públicos, neste mesmo período, estavam difundidos em toda a Europa e Oriente Médio, e eram “[...] local de grande relação social” (APRIGLIANO FILHO, [s.d.], p. 8 apud RIBEIRO, 2005, p. 2). Embora haja grande distância entre a proposta de uso de um espaço para higiene e seu uso efetivo para a pegação, “esse espaço de trânsito é reconfigurado para o exercício dessas sexualidades consideradas dissidentes” (SOUZA, 2012, p. 28).

Espelhos e espaços de pias seriam de acordo com Goffman o lugar para os “rituais interpessoais”, considerando este um espaço de performance e alguma interação. Vale ressaltar que o espelho desempenha para os encontros sexuais em banheiros um papel fundamental – permite a visualização do ambiente ao mesmo tempo que se olha para seu reflexo. Esse pretexto é bastante usado nos banheiros públicos (SOUZA, 2012), com simulações de lavagem de mão e pentear de cabelos, mas também é usado para vigiar as atividades do espaço, especialmente aquelas consideradas imorais, tendo uma relação deveras com a pegação.

Podemos identificar, tendo em vista essa breve discussão histórica, nos banheiros, três marcas transtemporais;

- (i) a separação por gênero²: embora não haja fisiologicamente diferenças que acarretem espaços radicalmente distintos em relação aos seus equipamentos e usos;
- (ii) a transcendência de funções da higiene: como lazer, relaxamento, sexo, e restauração do bem-estar físico associada à água corrente e à privacidade;
- (iii) estrutura arquitetônica dos banheiros como mecanismo de distinção social quanto a gênero e classe social.

A cisão generificada dos banheiros públicos inaugurada nos mosteiros europeus promoveu o vigor de outra forma de sociabilidade: a homoerótica. O estabelecimento dos muros divisórios e territórios de exclusividade de gênero refletem novas ordens de sociabilidade que, ao contrário da expectativa, viabilizam encontros sexuais homoafetivos. A relação entre divisão generificada de espaços sociais e a existência de distintas formas de relações sociais e sexuais, não é causal; sua inter-relação não pode ser ignorada.

Nos dias de hoje, a única característica semiótica que diferencia os banheiros coletivos masculinos dos femininos é o mictório, uma peça de louça ou metal, coletiva ou individual, com ou sem barreiras entre os usuários, que permite a micção masculina em pé de forma rápida. O mictório permite aos homens um alívio rápido e pouco intermediado pela privacidade das cabines sanitárias, podendo ocorrer até em espaços abertos ao olhar, como os mictórios públicos masculinos³.

O mictório pode facilitar, de forma imediata e discreta, a significação sensual deste espaço entre homens. Em pé, com o pênis na mão em típica ambivalência entre o urinar e a masturbação, surge a possibilidade do flerte e do encontro sexual, que pode ser rapidamente desfeito e dissimulado diante de interrupção. O banheiro – em especial os mictórios neles – não se configura um local apropriado para as atividades sexuais furtivas sem razão. Eles são objetos revolidos de intensa carga afetiva. O mictório encerra (i) uma fuga espacial do sistema pós-panoptico⁴; (ii) um mais fácil acesso ao corpo; (iii) um ambiente de intimidade entre iguais e (iv) relações implícitas de sigilo.

Interessantemente, os banheiros públicos contemporâneos são territórios de abjeção, pois indexalizam⁵ sentidos escatológicos da fisiologia como a excreção e micção. Contudo abjeção também

2 Na Idade clássica a separação era para assegurar o privilégio político masculino, como discutido acima, sendo apenas na Idade Média a separação por sexos uma preocupação moral.

3 Os mictórios públicos masculinos existem em diversas partes do mundo, sendo muito comuns no norte da Europa. No Rio de Janeiro, em alguns lugares da cidade existe o projeto Alívio, destinado aos homens, onde um mictório de metal é parcialmente salvaguardado por anteparo metálico. protegendo a parte sexual do homem, porém permitindo a visualização do seus pés, pernas e rosto

4 O sistema pós-panóptico de controle (RAMPTON, 2015) se apropria do conceito foucaultiano de panóptico para discutir novas formas contemporâneas de controle e vigilância possibilitadas pelas novas tecnologias de comunicação. Os banheiros, por lei, não podem ter aparatos de vigilância eletrônica, de forma a resguardar a intimidade dos usuários e a privacidade da exposição do corpo. Porém, surgem novas formas de controle, conforme discutido nesse texto na seção analítica, o botão “dedo-duro” e a presença dos vigilantes.

5 O conceito de indexicalidade se refere a um componente do sentido. O significado de um signo não é aquele encerrado no dicionário, mas emergente do contexto de seu aparecimento. Os movimentos indexicais são as remissões e associações que os signos fazem em cada novo contexto em que são empregados.

é afetiva. Assim, banheiros coletivos são cenário ideal para encontros sexuais homoeróticos ‘historicamente relegados ao acaso e à clandestinidade’ (PERLONGHER, 2008), não apenas porque são territórios de (i) breve permanência e (ii) alta circulação de pessoas, mas porque sua abjeção intrínseca afeta e seduz.

Tornam-se, portanto, um território fora da ordem moral vigente e da ostensiva vigilância contínua da sexualidade, pois oferecem um raro espaço de privacidade⁶ em meio à ebulição urbana das grandes cidades. Por outro lado, a relação entre clandestinidade e invisibilidade das relações homossexuais – produzida pela própria “invenção do homossexual como espécie” (FOUCAULT, 1988) e os locais urbanos que propiciam uma fuga ao “modelo panóptico” (FOUCAULT, 1987) não é, em absoluto, casual. De acordo com Cleminson & Gordo:

É significativo que os espaços aprazíveis e por vezes selvagens da cidade se estabeleceram na segunda metade do século XIX coincidentemente com a criação de categorias sexuais sujeitas a uma intensa vigilância: o homossexual. Foi nesses espaços que a homossexualidade se fez visível e se realizou a si mesma. (2008: 28)

Dessa forma, os banheiros entraram num mapa social soturno de sociabilidade gay masculina, contribuindo para a própria edificação da espécie “homossexual”. Muitos homens gays⁷ conhecem na cidade uma cartografia⁸ dos desejos, da qual fazem parte os banheiros: espaços sociais constituídos por formas de comunicação muito específica: um olhar (um signo que pode variar de acordo com intensidade, duração, parte do corpo focalizada); um toque em seu próprio corpo (especialmente no pênis); uma insinuação de si; a revelação de uma parte íntima; um movimento de boca (uma mordida, uma torção, um lambe ou apertar de lábios); um franzir de cenho.

A linguagem discreta e a secretude dos banheiros se tornam um convite para aqueles que se excitam em se lançar a aventura erótica ali, já que as especificidades semióticas desse ambiente são muito sigilosas e lúgubres. Nos banheiros, a comunicação é sutil, palavras são supérfluas e a excitação surge num local sórdido, desconfortável, público, anônimo, onde a rápida acessibilidade à intimidade alheia dá vazão aos desejos urgentes e surgidos no acaso do encontro social imprevisto. O acaso, uma importante dimensão do cruising – ou pegação – não foi morto pelas novas tecnologias de encontros sexuais e amorosos disponíveis na Rede, mas continua alimentando uma arquitetura social do desejo.

6 O fluxo nesses espaços fica orientado pelo que na arquitetura se convencionou chamar “geometria da privacidade”: uma estrutura que privilegia a intimidade para o contato do corpo com equipamentos sanitários de forma a prover os usuários de algum isolamento. Assim, a geometria fechada, cunhada, emparedada e restrita, típica dos banheiros públicos contemporâneos, tem por intuito amplificar a sensação de isolamento e privacidade que, por princípios, norteiam a prática social de defecar e urinar. O preceito desta “geometria da privacidade” é condicionada pela vigilância desses espaços, que contém também viés operacional – permite-se certa privacidade ao passo que permite também o controle das atividades sexuais que porventura ocorram em seus espaços.

7 “Gay” é aqui um hiperônimo, um termo guarda-chuva e visa atribuir visibilidade e não homogeneidade às práticas homoeróticas. De fato seria absurdo propor que a pegação em banheiros é exclusiva a homens que se identificam como gays.

8 Convidamos o leitor a digitar “banheirão” no Google. À época da pesquisa, os três primeiros resultados se referiam a um blog que fornecia dicas quanto à localização e segurança dos banheiros mais adequados à pegação em várias capitais brasileiras.

Quanto à localização dos banheiros, Bech (1979) chama a atenção para o fato de que locais de grande circulação de pessoas e breve permanência – como estações ferro-rodoviárias e seus banheiros oferecem um espaço extremamente concentrado e codificado que permite a aparição e desaparecimento, o exercício livre do olhar e a capacidade de viajar longe. Um sentimento de anonimato parece resplandecer nesses lugares urbanos de alta circulação de pessoas. Esses espaços oferecem aos sujeitos a possibilidade de abandonar lugares sociais e vivenciar experiências e aventuras íntimas, alheias a seus papéis sociais.

3 ANÁLISE DOS DADOS OU A PEGAÇÃO E O REGIME DE CONTROLE

Esta seção elege a *Erótica dos Signos* (BONFANTE, 2016) para analisar tanto disposições arquitetônicas, quanto práticas semióticas, privilegiando suas relações afetivas com significados sociais. *Erótica dos Signos* se interessa por ambos o contexto histórico e dimensões afetivas de práticas sociais, portanto nós privilegiamos uma geração multisituada de dados: textos on-line, entrevista semiestruturada e observação etnográfica de reformas realizadas em dois banheiros públicos cariocas para discutir homoerotismo em espaços públicos e suas dimensões histórica e afetiva na contemporaneidade.

A primeira observação sobre a organização espacial de banheiros coletivos é o fato de se buscar algum tipo de controle sobre seu emprego “correto” quando eles se encontram em lugares de potencial atividade sexual. O controle é semioticamente expresso na forma de (i) mensagens explícitas e/ou (ii) intervenções arquitetônicas no espaço. Por outro lado, alguns espaços, como bares e baladas, podem significar pontos de controle afrouxados quanto à vigilância da atividade sexual. Traços da organização física do banheiro que podem incentivar práticas sexuais normalmente são; (a) ausência de espelhos, (b) a iluminação, (c) disposição física dos mictórios quanto a proximidade (d) tamanho e amplitude.

Outros banheiros observados, como os da rodoviária Novo Rio, e da Central do Brasil, dos shoppings RioSul e Nova América e a rede de academias Smartfit, de forma geral lançam mão de mecanismos de controle para que o encontro sexual não ocorra. Projetualmente, arquitetos e engenheiros usam os seguintes artifícios para impedir ou coibir esses encontros: (i) anteparos separando os mictórios, (ii) alocamento de espelhos⁹ frente a mictórios e pias amplificando a visão do espaço e (iii) posicionamento dos mictórios diante da entrada do banheiro.

A arquitetura aberta de forma a evitar vãos e lugares sem alcance visual é a semiose do controle dos corpos, como prevê o sistema panóptico (FOUCAULT, 1987). Além desses esquemas, há também (iv) o aumento do vão inferior entre as portas e divisórias das cabines sanitárias, de forma que o acesso visual do interior passa a ser um elemento importante de apreensão de todo o espaço do banheiro, constringendo possíveis encontros no interior das cabines.

9 Espelhos e espaços de pias seriam de acordo com Goffman o lugar para os “rituais interpessoais”, considerando este um espaço de performance e alguma interação nos banheiros contemporâneos. Vale ressaltar que o espelho desempenha para os encontros sexuais em banheiros um papel ambíguo – permite a visualização do ambiente ao mesmo tempo que se olha para seu reflexo. Esse pretexto é bastante usado nos banheiros públicos (Souza, 2012), com simulações de lavagem de mão e pentear de cabelos, mas também é usado para vigiar as atividades do espaço, especialmente aquelas consideradas imorais, tendo uma relação deveras dúbia com a pegação.

A própria (v) iluminação dos banheiros passa a ser fator imprescindível neste controle dos corpos já que a ampla iluminação dos espaços costuma coibir a prática de pegação. Assim como um chão claro e iluminado que também reflete sombras e movimentos “estranhos” nas cabines. Outro dispositivo de controle de sexualidade observado foram sanções econômicas como a (vi) cobrança de taxas para o uso dos banheiros.

Ademais podemos elencar o próprio (vii) interdito dos mictórios. Diversos mictórios de banheiros públicos foram fechados recentemente a fim de evitar a atividade sexual, tais como os mictórios do Centro Cultural Banco do Brasil¹⁰ e dos metrô, da cidade do Rio de Janeiro. Esquema semelhante aconteceu em São Paulo¹¹, conforme relato do blog *Diário de banheirão* onde o autor, anônimo, descreve a ação da seguinte forma:

Figura 1 – Blog do banheirão

Banheiros de Metro: Quero mandar MATAR quem reformou os *banheirões* das estações de metro e retirou os nossos **Santos Mictórios**, simplesmente acabou a pegação!!
Se esta moda pega estamos fodidas!

Fonte: Banheirão (2011).

Uma análise desse post pela Erótica dos Signos nos mostra a expressão semiótica dos afetos que a intervenção arquitetônica para a coibição da pegação causou no autor: primeiramente elencamos a caixa alta em “matar”, frisando a intensidade da comoção e da reação raivosa pela reforma dos mictórios. Em segundo lugar, a própria qualificação de mictórios como “santos” indexaliza a inclinação afetiva do autor pelo objeto ao mesmo tempo que constrói uma antítese interessante: o mictório do dejetivo, da sujeira se torna santo, desejado.

Como Ahmed (2014, p.33) propõe “alguns objetos nos movem, e movendo nos fazem sentir”. E a santidade dos mictórios pode ser difícil de compreensão para o leitor ou leitora que não se deixou mover pelo objeto, mas é uma performance de valorização e apreço de carinho. O terceiro foco de análise é performance afetiva por meio de palavras tabu como “fodidas” e o uso abundante de pontos de exclamação. Esses são recursos semióticos que indexalizam uma resposta afetiva provocada pela retirada dos mictórios.

Finalmente, listamos (viii) a vigilância presencial de faxineiros e seguranças. Quando os mictórios estão em operação, é comum a presença de um funcionário da limpeza que exerce também o papel de vigilante que zela pelo comportamento moral nunca deixando o banheiro. *Os shoppings centers* RioSul e Nova América utilizam da artimanha em prol de não configurarem no mapa da pegação.

¹⁰ Os mictórios do Centro Cultural Banco do Brasil há alguns meses se apresentam como “mictório com defeito, fora de operação”. Essa artimanha, nitidamente para coibir a atividade sexual, não se justifica tecnicamente, uma vez que o mictório é um equipamento simples, que se une imediatamente à rede de esgoto, estando passível a entupimento apenas, o que é facilmente solucionado. O defeito, aparentemente, trata da facilitação que este dispositivo permite às atividades sexuais alheias ao ato de urinar.

¹¹ Os mictórios dos banheiros de algumas estações do metrô do Rio de Janeiro e de São Paulo foram fechados com tapumes, – ou cobertos com sacos plásticos – de forma que existem em funcionamento apenas as cabines sanitárias individuais.

Uma vez estabelecida a fama de um banheiro apto à pegação, ocorre intenso fluxo de homens em busca apenas da atividade sexual, fato que se contrapõe aos interesses principais dos centros, tais como vender no caso dos shoppings ou transportar no caso das rodoviárias. Na ausência de um vigia presencial, mecanismos de controle instituem os próprios usuários do banheiro como vigilantes. No caso da rede de academias Smartfit no Rio de Janeiro, foi instalado um botão – popularmente apelidado de “dedo-duro” – conforme Figura 2 abaixo:

Figura 2 – Placa informativa em banheiro de academia no centro do Rio de Janeiro



Fonte: Fotografia tirada pelo primeiro autor

Diferentemente dos banheiros públicos, as academias são lugares que exacerbam a visibilidade dos corpos e instigam sua experimentação não apenas porque são os tempos modernos do culto ao corpo, mas porque os vestiários são locais de acesso ao corpo do Outro, que se desnuda, suado e excitado pela atividade física. O “botão dedo-duro” é uma ferramenta para coibir apenas o ato sexual, uma vez que furtos e vandalismo são evitados com a presença de armários individuais e uso de cadeados, assim como os equipamentos presentes nesses banheiros são concebidos para resistir a pequenos atos de vandalismo e depredação.

Porém, os “atos obscenos” escapam da lógica dos dois primeiros, onde há danos aparentes a uma das partes envolvidas. O sexo consensual, uma vez praticado de forma oculta numa situação de fruição mútua, só se torna problemático na presença de um elemento externo ao ato que se sinta ofendido ou ameaçado pela situação, fato que raramente ocorre em virtude da dissimulação envolvida no jogo da pegação.

Inspirado por essa reflexão, conversamos com um funcionário da academia que nos revelou em uma conversa informal que “os chuveiros ficam muito congestionados com homens fazendo sexo mais de uma vez por dia ocasionando uma longa fila de espera, que o botão tentava sanar”. O botão também é um dispositivo que revela a verdadeira face da governamentalidade do sexo e dos corpos: ela é exercida por diferentes atores sociais; ela nos interpela por diferentes dimensões sociais: o governo, instituições, outros sujeitos, ideologias.

Em meio a um controle social rígido que permeia todo e qualquer espaço, banheiros são territórios urbanos abandonados. Contudo um crescente interesse pela privacidade dos sujeitos que Bonfante (2016) chamou de “paradigma íntimo-espetacular” tem feito surgir tensões e tentativas de domesticação social das práticas sociais em espaços protegidos do olhar social.

4 PALAVRAS FINAIS

Apesar da crescente vigilância e intervenção na semiose dos banheiros para controlar e coagir as práticas sexuais que neles se desenrolam, a pegação em banheiro público, ou *banheirão* goza de muita vitalidade no Rio de Janeiro, em Salvador Souza (2012) e em São Paulo como sugere o blog. Em Brasília, Pontes (2014) indica que ela fomenta a criação social de uma cartografia da pegação: lugares mais propícios, regras de conduta e dicas para driblar os mecanismos de controle e os riscos, compartilhados pessoalmente e on-line.

Popularmente se conhece uma gama de lugares com banheiros públicos preferidos para a prática homoerótica: restaurantes *fastfood* no Centro da cidade, banheiros em parques, em *Shopping Centers*, banheiros de estações metro-rodoviárias e banheiros em academias de ginástica. Todos esses lugares possuem como características típicas se localizarem em local de (i) grande circulação de pessoas, além do (ii) anonimato típico que os banheiros oferecem, pelos sentidos abjetos que impedem longa permanência.

De certa forma, a prática do *banheirão* se dá em lugares que estão simultaneamente dentro e fora da cidade: os territórios urbanos onde a homossexualidade pode se consumir são cenários urbanos para além da cidade, nela inscritos, mas também dela alheios, como o campo, os parques, os bosques, os jardins, os banheiros. Por essa razão sexo no banheiro resiste ao controle dos corpos e a vigília do panóptico. Por outra perspectiva, a prática do *banheirão* representa uma forma de resistência a lógicas hegemônicas sobre sexo, sexualidade, excitação e sobre o próprio corpo já que aos banheiros são emprestados os significados repulsivos dos sistemas excretórios do corpo humano como o ânus e sua função de defecar e o pênis e sua função de excretar.

Pela degradação do homem – e não digo homem gay – o *banheirão* é um contexto onde o macho morre. É deglutido pela homossexualidade. O acaso, uma importante dimensão do *cruising* – ou pe-

gação – continua alimentando reapropriações da arquitetura pelo sujeito que deseja. Ademais no *Banheirão* são inauguradas ordens sociais e sexuais outras, que resistem ao disciplinamento do corpo e do espaço.

O estudo da arquitetura e de sua semiose em espaços públicos visitou a história da divisão de banheiro (e da vida social) por gêneros e em que contextos social-históricos banheiros foram empregados sexualmente e politicamente para contrastarmos que performances estruturais para coibir o uso do espaço são tensionadas pela existência de microperformances de resistência sociopolítica que insistem na reinvenção de lógicas de inteligibilidade para corpos e espaços abjetos.

Finalmente, acreditamos que análises sociais sobre banheiros podem ser um ponto de observação privilegiado da história, de gênero, da sociedade e de sexualidades. A análise semiótica das reformas estruturais dos banheiros também sugere que o uso do cu homossexual ainda gera um pânico moral socialmente. Talvez por gerar um mal-estar que a morte simbólica do macho pode suscitar em diversos sujeitos, o banheiro recebe investimentos financeiros em reformas arquitetônicas cuja motivação é o controle do cu do homem (BERSANI, 1987; SAES; SARACOSA, 2011; BONFANTE; BORBA, 2018).

REFERÊNCIAS

- AHMED, S. Happy Objects. *In*: GREGG M.; SEIGWORTH, G. J. (Ed.). **The Affect Theory Reader**. Duke University Press, 2010. p. 29-51.
- ANTUNES L. A arquitetura nunca mais será a mesma. Considerações sobre gênero e espaço(s). **Urbana**: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid. Campinas (SP), v. 7, n. 2, 2015. p. 2-23.
- BANHEIRÃO, Mona do. Diário de banheirão. **Blogstop.com**. São Paulo, 8 jun. 2011. Disponível em: <http://diariodebanheirao.blogspot.com.br/2011/06/sao-paulo.html>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- BARBOZA, R. V.; BORBA, R. Linguistic landscapes as pornoheterotopias: (De)regulating gender and sexuality in the public toilet. **Linguistic Landscapes: Gender, Sexuality & Linguistic Landscapes**, v. 4, n. 3, p. 257-277, 2018.
- BONFANTE, G. M. **Erótica dos Signos nos aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.
- BONFANTE, G. M. A língua deles no meu corpo: o autoetnógrafo como corpo-experienciador da linguagem e do campo. **Revista Veredas: Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**, v. 22, n. 1, 2018.
- BONFANTE, G. M.; BORBA, R. Distensões e contorções do corpo e do discurso no bareback. *In*: JESUS, D. M.; MELO, G. C. V.; TCHALIAN V. JUNIOR, S. W. P. G. (Org.). **Corpos transgressores: políticas de resistência**. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2018.

- BECH, H. **When men meet: Homosexuality and modernity**. Cambridge: Polity Press, 1979.
- CERTEAU, M. **The practice of everyday life**. University of California Press, Berkeley, 1984.
- CLEMINSON, R.; GORDO, A. Relaciones tecnosexuales: de los molinos medievales a las paginas de encuentro. *In*: SABADA, I; GORDO, A. **Cultura digital y movimientos sociales**. Madri, Catarata, 2008.
- DEL VALLE, Ricardo. **A representação simbólica das práticas sexuais na arquitetura**: da inserção sígnica figurativa à interferência na imagem da paisagem urbana. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2018.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**. Nova Iorque: MOMA, 1990 [1959].
- HELENE, Diana. **Mulheres, direito à cidade e estigmas de gênero. A segregação urbana da prostituição em Campinas**. São Paulo: Ana Blume, 2019.
- MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, desenvolvimento e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PALLASMAA, J. **Orchestrating Architecture. Atmosphere in Frank Lloyd Wright's Buildings. Building atmosphere**, OASE, v. 91, p. 53-58, 2013. Disponível em: <https://www.oasejournal.nl/en/issues/91/OrchestratingArchitecture>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- PERLONGHER, N. **O negócio do michê**. 2. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PONTES, Diego. **A insustentável arquitetura dos corpos**: o gênero e a sexualidade enquanto diferenciais na experiência urbana. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- RAMPTON, B. **Post-panoptic language standard?** (2015). Disponível em: https://www.academia.edu/13106780/WP162_Rampton_2015._Post-panoptic_standard_language. Acesso em: 22 nov. 2019.

RIBEIRO, S. *et al.* A evolução do banheiro: da Antigüidade Clássica aos dias atuais. Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 3. **Anais...**, Rio de Janeiro, 2005.

SAÉZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por el culo:** Políticas anales. Madrid: Egales, 2011.

SOUZA, T. **Fazer banheiro:** as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da lapa e adjacências. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VERDASCA, A. C. **As termas de Tróia:** documentação escrita e materiais do Museu Nacional de Arqueologia. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

Recebido em: 30 de Outubro de 2019

Avaliado em: 5 de Novembro de 2019

Aceito em: 10 de Novembro de 2019



A autenticidade
desse artigo pode ser
conferida no site
<https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestre em Interdisciplinar em Linguística Aplicada – UFRJ;
Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar
em Linguística Aplicada – PPGILA/UFRJ; Bacharel em Lin-
guística – UNICAMP. E-mail: supergleiton@gmail.com

2 Doutor em urbanismo – PROURB/UFRJ; Mestre e Especialista em política e planejamento urbano e regional – IPPUR/UFRJ; Arquiteto e Urbanista – UNICAMP; Professor Adjunto da Universidade do Grande Rio; Professor colaborador da Universidade Estácio de Sá. E-mail: filipemarin@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade
acesso aberto sob a Atribuição-Compartilha
Igual CC BY-SA